

CORUMBÁ, MS, 10 DE MAIO DE 2001

Senhor Governador do Mato Grosso do Sul, nosso poeta do PT; meu amigo Ministro dos Transportes, Eliseu Padilha; Senhores Senadores Lúdio Coelho, Ramez Tebet, Juvêncio da Fonseca; Senhores Parlamentares da bancada de Deputados, aqui, que nos deram a honra da companhia, e quase não tomaram café, porque os Senadores o tomaram muito; Autoridades de Mato Grosso; Prefeito de Corumbá, meu companheiro de partido; Senhoras e Senhores,

O Governador Zeca disse, e é certo, que esta é a quinta vez que venho a Mato Grosso do Sul. Mais ainda, que venho a Corumbá. É a quinta vez que venho a Corumbá, mesmo antes de ser Presidente. Se me permitem, conto uma pequeníssima história, que contei a alguns. Vim com a minha mulher, depois de eleito, para descansar, aqui, no Pantanal. Fingir que pesco. Não sei pescar nada. Não consigo nada, só piranha. E aí, andando, pelo Pantanal, descemos numa pequena voadeira, a Ruth e eu, um segurança, alguém que pilotava, todos de roupa de banho. Estávamos andando, por esses enormes lagos e rios, um mar sem fim, água que não termina nunca. De repente, entramos

numa baía imensa, belíssima. Lá em cima, havia, ao longe, uma montanha. Fomos andando e, de repente, vi uma bandeira que não era brasileira. Eu disse: “Que coisa esquisita.” Continuamos andando. Outra vez, e “Meu Deus, o que será?” Havia um pequeno porto. Nós tínhamos invadido a Bolívia, sem nos darmos conta. Aportamos. Havia um guarda. Mandeí chamar o Comandante. Ele obedeceu, não sei por quê. Chegou o Comandante, que era um Capitão, um Tenente, não sei o quê. E eu, de roupa de banho, disse: “Eu sou o Presidente do Brasil”. E ele olhou para mim, e pensou: “Napoleão de hospício, só pode ser”. Mas, ficou na dúvida. E eu disse: “Olha, por favor, passe um telegrama ao Presidente Gonzalo Sanches de Lozada e diga a ele que a primeira visita que eu fiz, fora do Brasil, depois de eleito, foi à Bolívia”. Ele passou o telegrama.

Isso mostra, essa vocação que nós temos no Brasil, e aqui, no Mato Grosso do Sul, em todas as regiões, e tudo isso o que o Ministro Eliseu Padilha acabou de mostrar, que é de confraternizar, de abraçar os países vizinhos. E essa ponte é mais um movimento nessa direção. É mais um movimento de integração, de aproximação. Sei que ela ajuda a vida dos que aqui moram, dos que vêm de Miranda, de Corumbá, liga com mais facilidade Sete Lagoas. Enfim, permite maior mobilidade nas estradas. Mas ela leva ao Pacífico, pelo menos como sonho, e esse sonho, hoje, é permanente no Brasil, o corredor bioceânico. Aqui – disse o Governador – falta um pouquinho só, 600 quilômetros da estrada, lá na Bolívia, que precisa ser asfaltada, pavimentada. Já está cascalhada, creio. Então, nós já estamos nos aproximando.

Ministro Padilha disse, e é verdade, que em toda parte, hoje, existe essa vontade do Brasil de ficar mais próximo de seus vizinhos: lá em cima, da Guiana, da Venezuela, com o Peru, com a Bolívia, se pudéssemos até com o Chile – tem um caminho de obstáculos. Enfim, com o Paraguai, com o Uruguai, com a Argentina, e em toda parte nós estamos aumentando as pontes que são muito mais que obras físicas, são obras de aproximação entre ,pessoas, entre povos.

Então, essa ponte faz parte desse movimento nacional, de busca de aproximação. De aproximação entre nós, brasileiros, e de aproximação

dos brasileiros com o conjunto das populações que vivem aqui na América do Sul. É essa consciência que nós hoje temos, de fazermos parte de uma região maior. E essa consciência é muito recente.

O Brasil levou muitos séculos voltados sobre si mesmo. Um país tão grande, com tão poucas vias de comunicação. Mas não tínhamos muito a idéia, sequer, da nossa participação numa mesma região da América Latina e da América do Sul.

Eu me lembro de que vivi no Chile alguns anos, quase cinco anos. Fui obrigado a sair do Brasil, depois de 64, e fui para o Chile. E o Chile, naquela altura, era como se fosse quase um outro planeta. Para falar com os pais da Ruth, que moravam no interior de São Paulo, em Araraquara, era pelo radioamador. Foi preciso descobrir um radioamador lá no Chile, que se pusesse em contato com outro radioamador em Araraquara, a cada três meses – porque se incomodava muita gente para fazer essa operação – para se conseguir uma comunicação entre Santiago e Araraquara.

Hoje, esses telefones celulares não nos deixam nem fazer conferência, nem discurso, porque tocam o tempo todo. É, digamos, a fome de comunicação que nós temos. Mas, no Brasil, não era assim. Era muito ensimesmado, muito fechado sobre si mesmo. E esta região, especificamente, da qual eu tanto gosto, do Pantanal –, era muito distante do Brasil da costa.

E se permite, Governador – como o senhor, eu também gosto de contar histórias –, até tenho experiência familiar nessa matéria. O meu avô era militar, era de Goiás, do fim do Brasil também, meio do Brasil. Mas, ia para o Rio, para a Escola Militar. Foi, jovem. Foi no tempo da República. Ele conspirou contra a monarquia, participou da Revolução Republicana e, depois, foi trabalhar com Floriano Peixoto. Morou, meu pai também, quando criança, no Palácio Itamaraty, porque a Presidência da República era lá. Meu avô era o que o Major Carlos Eduardo, que está aqui perto de mim, hoje é meu. Era ajudante-de-ordens do Floriano. E trabalhou muito proximamente com Floriano Peixoto. Ele era republicano, meu avô. Naquela época, as lutas políticas não eram diferentes das de agora. Eram terríveis. Foram muito duras. Bem, quando

saiu Floriano Peixoto, vieram a derrubada e a perseguição. Hoje, não é assim. Hoje, nós temos essa convivência que permite, com mais civilidade, aceitar as diferenças. Mas naquela época, não.

Então o Floriano perguntou ao meu avô se ele não queria ir servir na Europa, como adido militar. Floriano também tinha perseguido muita gente. Tinha havido revolução. Revolução federalista lá no Rio Grande do Sul, a revolta da Armada, aquela coisa toda. Meu avô não quis ir e foi perseguido. Sendo perseguido, foi transferido para Mato Grosso. E para ser transferido para Mato Grosso – nunca vou esquecer essa história que meu pai contou a vida inteira – eles saíram do Rio, tomaram um navio e foram para Montevidéu. Primeiro foram para Santa Catarina, depois para Montevidéu. Lá passaram um mês. De Montevidéu foram para Buenos Aires, outro tanto ou pouco menos, não sei. De Buenos Aires para Asunción. E de Asunción para Miranda, Nioaque, para esta região. Meu avô levou nove anos, dez anos aqui, e muitos dos meus tios nasceram por aqui em razão disso.

Então isso era, digamos, isso foi no século XIX ainda, antes do século XX. Então era isso a nossa lejanía como dizem os espanhóis, a distância que existia entre o Brasil era imensa. Hoje, nós temos a alegria de ver que estamos muito próximos uns dos outros, fazendo pontes, tendo comunicações, tendo esse sentimento mais próximo de brasilidade. E junto com ele, essa consciência nossa, brasileira, de que fazemos parte de uma região mais ampla e de que temos um papel importante a cumprir nessa região amazônica.

Foi por isso que definimos os eixos de integração do nosso programa, primeiro, agora no Avança Brasil, nós criamos eixos de integração, não apenas pensando em termos do Brasil interno, mas o conjunto do Brasil. E a tal ponto esse programa tem tido sucesso que os nossos vizinhos, de outros países, dele tomaram conhecimento, e das técnicas de planejamento que temos utilizado, que são técnicas inovadoras, porque em quase toda parte da América Latina houve destruição da idéia de planejamento. Os mercados prevaleciam sobre tudo. Não aqui, no Brasil. Aqui, no Brasil, nós valorizamos o planejamento. Um outro tipo de planejamento, que não era induzido do centro,

do Estado burocrático, autoritário, mas um planejamento em conversa com a sociedade, definindo metas, definindo mecanismos, associando o Governo à iniciativa privada, associando as ações do Governo Federal aos governos estaduais, aos governos municipais.

E hoje, esse modo de integrar as coisas passou a ser conhecido dos países vizinhos nossos: do Uruguai, da Argentina, da Venezuela, do México, que está fazendo um programa semelhante. O nosso Secretário do Planejamento, o Doutor José Paulo Silveira, que é responsável por essa parte da integração dos planos do nosso Programa Avança Brasil, andou por vários países da América do Sul. E, hoje, o BID, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, financia programas de integração com o mesmo espírito dos programas de integração que nós estamos fazendo aqui, no Brasil.

E Fonplata, que é anterior a essas idéias – fui Chanceler, me recordo das discussões sobre o Fonplata – também era um mecanismo de integração, no caso dos países da Bacia do Prata. E esta ponte é fruto deste espírito de cooperação, que vai além do Brasil, que vai além da idéia dos estados e dos municípios e da União, de nos darmos as mãos uns aos outros. E tem, também, portanto, a participação de um organismo que é internacional. Esse é o novo espírito, que está levando adiante as transformações da nossa região e as transformações aqui do Brasil.

Concordo, e muito, com o que foi dito aqui, anteriormente, tanto pelo Governador quanto pelo Ministro. Nós temos que entender que, no mundo contemporâneo, o nosso norte é um só: é o bem-estar da população, é o povo. E que, buscando esse norte, a despeito das diferenças que possam existir, e existem, entre nós, temos que ter a capacidade cívico-democrática de ver que há valores que são nacionais, que há interesses que são nacionais, que há interesses que são do povo. E esses interesses devem primar sobre tudo o mais.

Junto minhas palavras, portanto, às palavras que já foram ditas, agradecendo à bancada no Congresso Nacional. Essa bancada tem ajudado, Governador. Tem ajudado o seu estado. Tem batalhado, tem dado recursos para o seu estado – e quantas vezes o Governador vai à minha presença, acompanhado dos Senadores e dos Deputados. A bancada

tem tido a capacidade de entender que as diferenças partidárias não podem atrapalhar as necessidades do povo do estado.

Isso é um sinal de maturidade. Afinal, é importante. Quero agradecer, muito especialmente, aí já como Presidente, à bancada do Mato Grosso do Sul, porque ela nunca me falhou, ainda agora, neste momento difícil. Momento em que o Presidente da República se sente no dever político de dizer “não” a uma CPI que, para muitos, simboliza a luta contra a corrupção. Luta que me é muito sensível e que eu estou praticando, no Governo. Mas que não posso deixar que ela se transforme num palanque contra mim. Mato Grosso se uniu para impedir que se transformasse num palanque contra o Presidente da República.

Vamos separar a necessária vigilância, o horror mesmo, como digo sempre, à corrupção, à exploração política do processo. Difícil, porque, muitas vezes, as coisas são confundidas.

Ainda hoje mesmo, até quase ia me confundir, li num dos jornais do Brasil que o Governo tinha liberado 6,4 bilhões de reais para “abafar a CPI”. Essa gente não sabe o que são 3,4 bilhões de reais. Isso – 3,4 bilhões de reais – é mais do que o Ministério dos Transportes vai investir, no ano todo. É quase equivalente ao que o Ministério da Educação tem que fazer. É mera exploração política. Simplesmente, o Orçamento existe e tem que ser liberado, independentemente para quem seja, em certas épocas do ano. E, quando se libera, dizem: “Ah, liberou porque quer fazer uma...”. Não. Não se pode enganar o povo a este ponto. Não se pode confundir uma luta política com fisiologia. Não se pode. Não é correto fazer de conta que o Governo está usando métodos imorais para sustentar uma posição política. Se estiver fazendo, que se critique. Agora, é exagero ridículo falar em bilhões. Aí, o que se está querendo é enganar a população. E isso não tem sentido.

Mas, perdoem-me esse aparte. E, se eu o digo aqui é porque, aqui, sei que há compreensão correta do que sejam as diferenças políticas e partidárias, e do que seja o interesse público.

Pode ter certeza, Governador, eu posso errar – como bem disse Vossa Excelência. Erro. Mas não de má-fé. E não erro, nunca, isso nunca, nem creio que seria possível dizer do Governador, com o propósito menor e,

sobretudo, com o propósito sempre de colocar a sujeira debaixo do tapete, seja para me beneficiar de qualquer coisa ilícita. Isso, não. Isso não é erro. Isso é crime. E crime eu não pratico. Errar, erramos tantas vezes! Mas temos procurado consertar. Devo dizer que no meu relacionamento com Mato Grosso do Sul, acho nós nunca erramos, nem lá, nem cá, nem o Governador, nem eu, no que diz respeito ao interesse da necessária união para que o povo do estado seja o maior beneficiado das nossas ações conjuntas.

Quero também lhes dizer que tenho enorme fé nesse Estado. Como tenho enorme fé nesse Brasil do Centro-Oeste, como tenho enorme fé no Brasil das fronteiras. Fronteira, hoje, não é só o Brasil que está no limite com outros países. Há fronteiras também num Brasil novo, que às vezes não aparecem, mas que estão até nas grandes cidades. As fronteiras, ou seja, a inovação, a abertura de espírito naquelas lutas que existem, por exemplo, das mulheres do Brasil todo, lutando por um reconhecimento maior. Há fronteiras de inovação naquelas reivindicações que existem, muitas vezes mal formuladas, muitas vezes agressivas mesmo, mas que expressam uma necessidade de quem quer casa, de quem quer terra, de quem quer trabalho. Isso também é um Brasil novo, porque não é o Brasil acomodado, não é o Brasil adormecido, não é o Brasil do berço esplêndido. É um Brasil que reclama, porque sabe que, reclamando, vai conseguir. E, portanto, tem aquilo que, aqui, nessas paragens, pode se dizer que tem também, de nova esperança; tem esperança. Existe um Brasil da esperança e existe um Brasil da realização concreta. E existe um Brasil que é novo.

Mas ele é mais visível nessas partes do Centro-Oeste do Brasil, como é visível em certas partes do norte do Brasil. É algo que se transforma com muita velocidade, com muita rapidez, muita mesmo. Está se transformando, não apenas fisicamente. E aqui esse é um exemplo, e há outros. Concordo que nós temos que fazer o mais depressa possível as usinas termoeletricas para complementar as hidrelétricas.

É preciso fazer um pólo petroquímico que ajude a quem está no Mato Grosso do Sul. Vou ajudar a construção de pólo petroquímico. É preciso diversificar essas obras pelo Brasil afora. Isso é mais visível aqui,

mas também é mais visível uma outra coisa, mais importante talvez. É que, quando se vai verificar o nível de escolaridade nessas regiões pioneiras do Brasil, quando se vai verificar as crianças que estão na escola, que estão em idade escolar, vê-se que são, crescentemente, níveis elevados.

E agora, Governador, com o Programa Bolsa Escola, que eu generalizei para todo o Brasil, pensei muito numa pessoa que foi muito amiga minha e que é símbolo de certas lutas. E que nunca foi ligado, partidariamente, a mim. Chama-se Darcy Ribeiro, que sempre me falou na necessidade da escola como base para a reconstrução da sociedade, da civilidade e da crença na possibilidade do ser humano. Pensando nele, e não só nele, em muitos outros mais, mas ele é mais próximo de nós, tomei a decisão de generalizar o Programa Bolsa Escola. Vem de muito pouco tempo. A partir de junho, nós começamos esse programa.

Nós não vamos ter nenhuma família carente do Brasil, nenhuma criança que esteja na escola, cuja família não venha a ser atendida com os recursos do Governo Federal. Pequeno, porque para atender a todos não se pode dar muito. Será complementado, eu espero, pelas prefeituras. Será complementado pelos Governadores, mas será um sinal de que o Brasil não aceita mais a exclusão de parte da sua população pelo analfabetismo, pela incapacidade de aprender, pela impossibilidade, portanto, de ter um curso mais decente e mais normal na vida. Isso vai atingir, não sei exatamente, de 12 milhões de crianças. É muita gente.

Nós já temos, no Brasil, nas escolas públicas, 35, 36 milhões de crianças. E há, no Brasil, estudando hoje, nos vários níveis, das escolas públicas e privadas, da fundamental à universidade, em torno de 60 milhões de pessoas. Isto é mais do que a maior parte dos países do mundo. Esse é o Brasil novo, junto com esta ponte, junto com a termelétrica, junto com a petroquímica, junto com tudo que nós estamos construindo materialmente. Estamos construindo um Brasil mais profundo, que é o Brasil das pessoas que têm acesso ao saber.

Estamos, nessa matéria, fazendo algo que me parece que é também importante: é evitar que, mesmo que as pessoas sejam letradas, no futuro sofram de outro tipo de analfabetismo, que é a incapacidade de

lidar com computadores. Estamos generalizando a utilização dos computadores nas escolas públicas brasileiras, numa velocidade que é de dar espanto. Temos uma tática, nas empresas privatizadas. Todas elas têm uma taxa para criar um fundo que chama-se Fust. É o Fundo de Universalização dos serviços de Telecomunicações, esse fundo vai permitir que em todas as nossas escolas as nossas crianças tenham acesso ao computador, que será ligado à Internet.

É uma experiência única, como aquela que eu tive, recentemente, lá no estado irmão de Mato Grosso, em Sinop. Fui lá para inaugurar esse programa simbolicamente, a distribuição não só de computador. É o professor que precisa ser treinado naquilo, é a sala que deve ser apropriada, etc., etc. Vi as crianças em Sinop ligadas à Internet, conversando pela Internet, como eu também o fiz, com crianças do Rio Grande do Sul. Havia crianças escrevendo em português, enviando mensagens a estudantes nos Estados Unidos, que lá já recebiam traduzidas para o inglês. Respondiam em inglês e a nossa criança aqui recebia já traduzida para o português a mensagem que de lá vinha.

Pensei, lá em Sinop, que quando eu era mais jovem, passava horas e horas na biblioteca pública de São Paulo. Passei horas e horas nas bibliotecas públicas do Rio Grande do Sul, onde estudei, já para fazer minhas teses de mestrado e doutorado, lá em Pelotas, em Rio Grande, Porto Alegre. Horas e horas nas bibliotecas da França. Horas e horas pelo mundo afora. Agora, qualquer um que tenha computador na sua casa, tem acesso a essas bibliotecas. Quem estiver em Sinop vai poder, sem se deslocar de lá, em muito pouco tempo, ter acesso às grandes bibliotecas do mundo e vai poder se informar, se ilustrar com a maior facilidade.

Esse, Governador, Ministro, Prefeitos, Senadores, Parlamentares, Deputados, Deputados Estaduais, Vereadores, Empresários, Senhoras e Senhores, é o Brasil que nós estamos construindo. Temos que olhar o Brasil, olhando para o futuro. O Brasil da esperança não pode ser o Brasil da rixa permanente, não pode ser o Brasil da inviabilidade permanente, não pode ser o Brasil da soma zero, que quando um ganha o outro perde.

Temos que construir um Brasil em que nós todos possamos ganhar, um Brasil em que as maiores diferenças políticas possam ser resolvidas dentro do diálogo e do respeito, da tolerância democrática, não da fraqueza, mas da compreensão do outro, do respeito ao outro, do direito de defesa do outro. Um Brasil que não pode aceitar que mal alguém aponte o dedo para acusar, já se lincha a pessoa como se ela fosse culpada. Não. Isso não é o Brasil que nós queremos, da democracia. Nós somos vítimas desse Brasil do passado. De um Brasil que era intolerante, de um Brasil que não dava direito de defesa, de um Brasil que era do preconceito. Nós não podemos ser esse Brasil.

Nós temos que ser um Brasil da abertura de espírito, um Brasil do respeito à lei, um Brasil que não aceita a transgressão em nenhum aspecto, mas que, antes de condenar, examina, julga. E se tiver havido a transgressão, aí sim, condena e pune, porque o Brasil precisa de punição para aqueles que transgridem, porque o Brasil não pode ser conivente com aqueles que, realmente, transgrediram.

Essa mistura, esse equilíbrio entre o espírito democrático de aceitação do outro; o respeito à lei; a generosidade para ver se o argumento do outro pesa, e depois a rigidez para, formada a convicção, então dizer: não, eu tenho que agir, eu afasto aquele que errou; é o Brasil do futuro, é o Brasil mais justo, é o Brasil que nós queremos.

Perdoem-me ter me alongado em considerações extras à inauguração dessa ponte, mas é que a maneira pela qual o Governador sempre me recebeu bem, aqui no Mato Grosso do Sul, a maneira pela qual ele se expressou aqui, com tanta abertura de espírito, me induziu a abusar da paciência. Só não disse o que ele disse, e não cumpriu: vou ser breve, vou terminar logo. Eu nunca sou breve, nunca termino logo. Mas quando ele não é breve e não termina logo, falando bem como ele fala, nós todos queremos que ele continue falando para que possamos aplaudilo ainda com mais entusiasmo.

Muito obrigado.